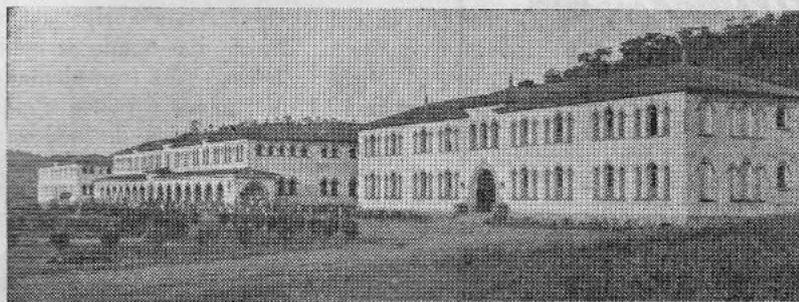


# © CULTIVADOR

Diretor:

JOSÉ FARAH



Gerente: H. Rímolo

Órgão Informativo, Agrícola e Cultural dos Professores e Funcionários da Escola Agrotécnica do ESPÍRITO SANTO

ANO I — São João de Petrópolis, 1 de agosto de 1948 — N.º 9 e 10

## DR. ARQUIMEDES LIMA CÂMARA

Durante muitos anos o Brasil, êsse que estende longe das cidades maiores e sobretudo das capitais, viu-se totalmente abandonado pelos poderes públicos.

As autoridades passadas centralizavam em seus Palácios, sem nenhuma ligação ou notícias da roça. E por isso o governo a abandonou. Quando às altas esferas do poder chegavam representantes de uma suposta atividade agro-pecuária, era isso quase sempre para armar botes contra a pequena lavoura e a favor dos magnatas. Foi assim o caso do açúcar. Foi arrasada a economia açucareira, ao passo que os grandes usineiros tiveram, para estimular seu apetite, já naturalmente bom, os institutos mantidos com o suor e o sangue dos legítimos lavradores. O café também desapareceu no dia em que o governo resolveu acariciá-lo.

Portanto, não havia nenhum propósito por parte dos poderes superiores no sentido de apoiar aquêles que de sol a sol vivem no amanhã da terra e sofrem a solidão de seu destino.

Era um sem fim de desilusões e sacrifícios.

Hoje, felizmente, o mundo governamental de nossa Pátria, já despertou diante das experiências do passado, as quais "ensinaram que todo conforto de nossas cidades há de ser um reflexo do bem estar do homem do campo e da sua prosperidade, na fazenda. Sem isso, jamais chegare-

mos a construir uma civilização brasileira, de estrutura sólida, capaz de aproveitar integralmente as grandes reservas que a Natureza nos doou."

E foi devido a êstes olhares que voltam atualmente para o interior, que muita vez, dessas colunas rendemos um hino de louvor ao governo do Estado que, numa política sadia e eficiente vem se conduzindo com garantia e extraordinário caráter administrativo em prol da lavoura capixaba.

E agora, quando a nossa Escola por força de um acôrdo sobe, amparada pela Lei do Ensino Orgânico, nova afirmativa vem brindar a razão de nossa confiança.

Desta vez, trouxe-nos o Dr. Arquimedes de Lima Câmara, DD. Superintendente do Ensino Agrícola e Veterinário do Ministério da Agricultura.

Deixando de lado tôdas as distâncias que nos separam, omitindo qualquer idéia de dificuldade de transporte, aqui veio, pessoalmente, trazer sua palavra de apôio e de conforto para a Escola e para os lavradores aqui reunidos durante a Semana de 5 a 10 p. p.

Nada poderia ser mais eloqüente do que ter em confronto a pessoa do Exmo. Sr. Superintendente, enquanto as iniciativas se difundem para a concretização do ideal de educar a juventude agrícola.

(Continua na 3.ª página)



## EXPEDIENTE

“O CULTIVADOR” é um órgão de divulgação quinzenal de ensinamentos e notícias sobre a Agricultura, Pecuária e Indústrias Rurais.

Destinado a atender as classes produtoras do Estado do Espírito Santo, constitui por assim dizer o traço de união que as liga à Escola Agrotécnica, “Espírito Santo”.

São seus colaboradores os professores e funcionários dessa Escola.

“O CULTIVADOR” aceitará com satisfação as consultas dos lavradores e de todas as pessoas interessadas no magno problema da produção.

### CORRESPONDÊNCIA

Redação do “O CULTIVADOR”  
Escola Agrotécnica  
São João de Petrópolis  
Estado do Espírito Santo.

## SOCIAIS

### SOCIAIS

Fizeram anos os alunos:

Antônio Baleana  
Antônio Ilton Christé  
Alfredo Erler  
Durval Romagna  
Edson Carreiro Leite  
Frederico Zanoni  
Henrique Kopperschimdt  
Hélio Ferreira  
João Bosco Ramos  
Jurandy Nogueira  
Juvêncio A. Ribeiro  
Joventino Assis Ribeiro  
José Ardigan  
Litalir Piazzarollo  
Moacyr Campo Dell'Orto  
Marconi da Costa Ney  
Pedro Baptista  
Paulo Correia Barbosa  
Ruy Lacerda  
Humberto Dazzi  
Waldir Alves de Brito

## Reflorestamento (cultura do Eucalipto)

(Continuação da 4.<sup>a</sup> página)

e dos ventos. Neste abrigo as mudinhas permanecerão de 3 a 5 dias sendo irrigadas, até que tenham pegado. Depois são transplantadas para debaixo de árvores ou ripados e pouco a pouco trazidas para o rigor das intempéries, de modo a não sentirem quando forem levadas para o plantio definitivo.

**PREPARO DO TERRENO** — O terreno deve estar previamente preparado, bem limpo, quando possível até mesmo arado. As covas são marcadas com o espaçamento de 2x2 m pelo sistema quadrangular, que é o mais usual e o mais fácil. Plantando-se assim, um hectare comporta 2 500 mudas.

Uma vez feito o alinhamento e marcadas as covas, estas são abertas com as dimensões de 40x40x40 cm.

É importante que sejam combatidas tenazmente as formigas saúvas e quem-quem, que causam grandes prejuízos.

**PLANTIO** — Deve ser preferido um dia chuvoso e bem nublado. Vai uma turma a frente enchendo as covas com a terra raspada à superfície, em volta da cova, e outra turma vem atrás retirando as mudinhas das caixas com pequeno bloco de terra e colocando-as nas covas.

**TRATOS CULTURAIS** — São feitos nos dois primeiros anos, as limpas a enxada que forem necessárias para evitar que as ervas daninhas, cipózinhas, etc. prejudiquem as plantinhas.

**CULTURAS INTERCALADAS** — Pode ser plantada uma cultura entre o eucalipto nos dois primeiros anos, a fim de amenizar as despesas. Pode ser milho, algodão feijão, etc., tendo-se o cuidado de evitar qualquer estrago das plantinhas com este trabalho.

**RENDIMENTOS** — Aos 6 anos já pode ser cortado para lenha, podendo dar em média 400 m estêries de lenha ou mais por hectare.

Dos 15 anos em diante pode ser aproveitado para postes ou dormentes. Aos 30 anos de idade dá ótimas táboas.

**REPLANTIO** — O melhor método consiste em inspecionar constantemente as plantações, a partir do fim da primeira semana, e ir substituindo as mudas mortas. Esta replanta pode-se prolongar até o fim do 1.<sup>o</sup> ano, depois do qual não deve ser mais executada.

### Meninas:

Maria Izabel Simonassi  
Elizabet Herzog

### As Senhoritas:

Vera Marlene Rímolo  
Margarida Maria Castro  
Ariadne Serapião

### O Senhor:

Francisco Ferreira Andrade Neto

# UM LAVRADOR PROGRESSISTA DO ESPÍRITO SANTO

José Farah

Por iniciativa tôda pessoal do Sr. Diretor da Escola, Dr. Lúcio Ramos, tivemos a oportunidade de passar algumas horas na propriedade do sr. Antonio Hegner, situada no Município de Santa Leopoldina.

Saindo pela madrugada, de caminhonete, dirigida pelo próprio Diretor, galgamos a serra do Canaan em direção àquela região.

Em lá chegando, já o trabalho havia começado e todo o povo do Sr. Hegner, se encontrava em pleno exercício de sua função.

Encontramô-lo no Engenho de cana. Devido a uma reforma que se estava fazendo no seu gerador hidro-elétrico, um trator de esteira substituiu-o perfeitamente, graças a adaptação de uma simples correia.

E assim, logo de início, ficamos entusiasmados pelo espírito de iniciativa do Sr. Hegner, amoldando os elementos existentes, na objetividade de seu trabalho. Uma prova lógica de que uma boa orientação impede a paralização de qualquer empreendimento.

Depois, conduzidos pelo próprio lavrador, percorremos tôda a propriedade. Estivemos em contácto com as suas máquinas agrícolas. Fomos ao campo. Presenciamos o trabalho do trator nas suas diversas aplicações, isto é, com arado de três discos, com grade, com semeadeiras e com sulcador. Vimos uma soldagem à oxigênio no momento preciso e a derrubada de árvores com seguido destocamento, por meio do mesmo trator.

Trabalho incrível e de impressionar.

Verdadeiramente, um conjunto de impressões magníficas, de admiração pouco comum, a todos instantes invadiam o nosso mundo interior. Um homem simples com uma modesta característica, mostrava a razão de nossa missão naquele pedaço do Espírito Santo. Um lavrador anônimo, começado de nada, ali estava às voltas com o soerguimento de sua economia pelo emprêgo tão sòmente da prática racional da agricultura.

Ali estava a comprovação integral do objetivo que levou o Dr. Lúcio, àquelas paragens.

Um furo sensacional — convidado para aqui vir, por ocasião da Semana do Lavrador, não titubiou. E eis que no transcurso da Semana, aqui esteve para concretizar a nossa satisfação. E contou a sua vida. Lembrou que havia saído do nada. Fez referência ao estado em que se encontrava após algumas economias. Havia juntado algum dinheiro. Dois caminhos tinha a seguir: deveria consertar a sua séde residencial ou empregar o dinheiro em máquinas agrícolas? Opinou por esta última idéia. Veio o progresso. Desenvolveram tôdas as suas atividades agrícolas. Aumentou consideravelmente a sua produção. Hoje, senhor de si, senhor de um conjunto que mantém em pleno desenvolvimento, senhor de meios e posses, pensa agora na reforma de sua casa, para o complemento da vida.

Sim meus caros leitores, é a lei natural dos fatos. O confôrto, a elevação do nível de vida estão na de-

pendência do melhor aproveitamento de seus esforços. É o trabalho inteligente, progressivo e honesto. É a continuidade pelo melhor aproveitamento do espírito e supressão das práticas arcaicas. É a máquina, em suma.

Este exemplo de Antonio Hegner, é a demonstração cabal de quanto é possível a Agricultura bem orientada. Todos podem seguir as suas pegadas. A questão é começar. Procurem pois, lavradores do Espírito Santo, empregar melhor as suas energias acumuladas e fazer o mesmo que aquele que é considerado atualmente um dos agricultores mais progressistas do Brasil.

Mais uma vez, a nossa Escola no esforço todo especial, demonstrou o seu idealismo, a sua vontade férrea de construir cada dia um degrau que formará para o futuro uma escada onde há de subir tôda uma geração de homens que têm fé na vitória da Agricultura racional.

Que todos procurem imitar êste belo exemplo, são os meus votos ardentes.

---

## Dr. Arquimedes de Lima Câmara

(Continuação da 1.ª página)

Engenheiro Agrônomo, Professor Catedrático de Mecânica Agrícola da Escola Nacional de Agronomia, Dr. Arquimedes foi chamado para ocupar a Direção da Superintendência, onde vem desenvolvendo sem descanso, uma atividade de grande alcance para o futuro nacional.

Visitando a Escola, patenteou o seu elevado espírito de amor às causas do campo. Em contáto direto com os homens simples, pôde demonstrar também, por outro lado, o desejo único que o anima de preparar os futuros técnicos da terra, dando por intermédio da SEAV, através o seu corpo de profissionais abalisados, tôda a orientação indispensável para a vitória total de nossa Escola.

Assim justificando esta homenagem, queremos daqui, em pleno meio rural, onde um facho de luz acende e aclara o caminho para a geração agrícola do Espírito Santo e do Brasil, enviar ao Exmo. Sr. Dr. Arquimedes Lima Câmara, a nossa saudação e os nossos votos para que continue nesta marcha de tudo fazer pelo Ensino Agrícola do nosso Estado e do Brasil.

# Reflorestamento (Cultura do Eucalipto)

Dada a importância do assunto e a pouca atenção dos nossos agricultores para tão elevado problema, o Reflorestamento constitui para quase todo o Espírito Santo um alvo para onde se convergiu toda a atenção não só dos Poderes Públicos, mas, também de qualquer lavrador, em particular.

A colonização do nosso Estado iniciou-se de maneira precária e, por falta de conhecimentos, não se respeitaram e foram desbravando toda a reserva florestal, deixando verdadeiros vácuos em nossas terras que, livres de quaisquer obstáculos, tornaram-se um campo aberto e vantajoso para o terrível fenômeno da erosão.

Um exemplo aí está — O vale do Canaan, onde outrora levantavam gigantescas árvores, cobrindo-o totalmente numa perfeita demonstração de sua fertilidade.

Hoje, porém, imperam áreas nuas, culturas de café abandonadas e em plena decadência.

Cafesais novos, bem novos, sofrem as agruras e o rigor das enxurradas que roubam toda a riqueza do solo. Plantados em terrenos inclinados, em fileiras de morro acima, sem nenhuma prática objetiva para impedir a ação destruidora das águas da chuva, têm forçosamente de decaírem e entrarem no rol dos abandonados, quando deveriam estar no auge de sua produção.

E assim, vai ficando para trás, o terreno, com aquêlo aspecto vermelho do sub-solo, desmoronando pouco a pouco, tendendo para a esterilidade.

Mas, não é só isto ainda. Há o problema da falta de lenha e a dificuldade cada vez crescente de obtenção de madeiras de construção por quanto o lavrador continua a derrubar novas matas e fazer o plantio do café da mesma maneira. Depois dos sete anos, começa baixar a produção e conseqüentemente tende para um futuro abandono.

E o ciclo continua. As terras cada vez mais, vão ficando nuas, completamente nuas.

Nunca se pensa num reflorestamento. Vem o desequilíbrio. As reservas florestais vão sempre diminuindo porque a regeneração natural de novas matas é muito lenta e nunca se faz o reflorestamento artificial.

Todos sabem, qualquer propriedade que não possua parte de suas terras cobertas de matas, onde se possa obter lenhas e madeira para o seu custeio, é uma propriedade sem valor. Daí, todo agricultor que não quizer desvalorizada as suas terras, deve estabelecer um plano de exploração de suas matas cuidando com carinho e quanto antes do reflorestamento.

Depois de longos estudos realizados com nossas essências florestais, ficou definitivamente esclarecido que nenhuma outra produz melhores resultados do que o Eucalipto.

Por isso, para facilidade e melhor orientação, transcreveremos abaixo, algumas noções sobre a

## “CULTURA DO EUCALIPTO”

**SEMENTEIRAS** — Muitas pessoas têm fracassado nesta cultura simplesmente pela falta de cuidados que devem ser observados na formação das mudinhas.

1 — As sementes devem ser de boa qualidade, devendo ser adquiridas de fontes idôneas, ou colhidas de frutos de árvore de 10 ou mais anos.

2 — As sementeiras são preparadas em canteiros de um metro de largura, tendo qualquer comprimento, sendo, porém mais conveniente 5 a 8 metros. Devem ser construídas nas proximidades de uma fonte que forneça água para regas e de preferência perto do local onde vão ser plantadas as mudas. A sementeira pode ser feita com régua de 12 cm de largura, paus ou mesmo formando diques com terra batida e apisoada aos lados, de maneira a proteger a terra que ficará no interior do canteiro.

Esta terra que é colocada no interior deve contar 2 partes de areia para uma de terra ou adubo bem curtido. Deve ser evitado um leito muito argiloso, duro, o qual vai prejudicar mais tarde a retirada das mudas. A superfície da terra que forma o leito deve ser completamente lisa, livre de torrões, raízes, pedacinhos de paus, etc.

A sementeira deve ser orientada na linha Norte-Sul, tendo estacas fincadas em seus bordos de maneira tal a permitir a formação de uma pequena cobertura à altura de 60 cm, sendo que a parte voltada para o nascente deve ficar mais alta.

3 — O semeio é feito de maio a agosto, afim de que se possam obter as mudinhas, a serem transplantadas, na época das chuvas.

Empregam-se geralmente cerca de 40 gramas de sementes para cada metro quadrado de sementeira, distribuindo-se as sementes a lance sobre o leito já bem umedecido antes da operação. Em seguida estende-se um pano de aniagem (estopa) molhado sobre as sementes e cobre-se com esteiras de taquara ou folhas de palmeiras.

As sementeiras devem ser regadas diariamente, deixando-se a água cair em jacto fino sobre o pano de aniagem que só deverá ser removido quando já estiver iniciada a germinação. Todos os matinhos devem ser retirados cautelosamente com a mão.

**REPICAGEM** — Quando as mudinhas já atingiram, a altura de cerca de 3 cm, no máximo 8 cm, o que acontecerá em geral cerca de 2 a 3 meses depois do semeio, são então transplantadas para caixas de 60 cm de comprimento, 40 de largura e 10 de altura ou caixões de querosene serrados ao meio. Pode-se também usar, gomos de bambú ou balainhos feitos de bananeiras ou taquaras.

As caixas são cheias de terra fértil e nelas são colocadas cerca de 60 mudas. Esta operação deve ser feita em dias chuvosos, ou então, em dias comuns, porém em compartimento fechado, ao abrigo do sol

(Continua na 2ª. página)

## Segunda Semana do Lavrador Espírito-Santense

O encerramento hoje na Escola Agrotécnica do Espírito Santo - Magnífico o êxito deste importante certame ruralista - A GAZETA ouve os Snrs. Napoleão Fontenele, Secretário da Agricultura e Arquimedes Lima Câmara, Superintendente do Ensino Agrícola - Outras notas.

Conforme tem sido amplamente divulgado vem se realizando na Escola Agrotécnica do Espírito Santo, situada em São João de Petrópolis, Município de Santa Tereza, a Segunda Semana do Lavrador instalada no dia 5 do corrente, naquele estabelecimento de ensino agrícola, com a presença do Governador do Estado, do Secretário da Agricultura, do Superintendente do Ensino Agrícola do Ministério da Agricultura, grande número de técnicos e mais de uma centena de lavradores dos diversos municípios do Estado.

Num ambiente de mais acolhedora camaradagem, desfrutando os visitantes de uma tocante hospitalidade por parte da Escola, transcorreu a Segunda Semana do Fazendeiro, com a realização de conferências, aulas, demonstrações experimentais, práticas, exposições de filmes, etc., que tinham lugar nas diferentes instalações da Escola, nas hortas, pomares, campos, estábulo, pocilgas, currais, ripados, aviário, cosinha, laticínio, almoxarifado, segundo as oportunidades e os assuntos versados.

Os assuntos variavam desde a preparação de sementeiras e viveiros de hortaliças, até os ensinamentos concernentes às grandes culturas anuais e permanentes; desde as noções práticas de avicultura até às demonstrações experimentais sobre animais de grandes rebanhos, prelecionados em conferências que abordaram os problemas da vida rural em geral e em aulas de cunho altamente eficiente.

Detalhe do programa da Segunda Semana Ruralista, dos mais interessantes, foi sem dúvida, a parte relacionada com as pequenas indústrias rurais, cujas demonstrações e aulas foram acompanhadas com vivo interesse pelo numeroso elemento feminino presente à Escola, constituído de esposas e filhas de agricultores, denodadas colaboradoras da prosperidade rural. Curiosas e úteis foram, por exemplo, as práticas sobre fabricação de sabões, preparação de sucos e massas de tomate etc.

Falam A GAZETA, o Superintendente do Ensino Agrícola do M.A. e o Secretário da Agricultura do Espírito Santo.

Cientes de que o Dr. Arquimedes Lima Câmara, Superintendente do Ensino Agrícola do Ministério da Agricultura esteve presente durante 3 dias aos trabalhos da Segunda Semana Ruralista, procuramos ouvi-lo, no que fomos atendidos por S. S. tendo nos declarado:

— “Foi magnífica a impressão que colhi dos trabalhos realizados no transcurso da Segunda Semana do Lavrador. Estive na Escola Agrotécnica de São João de Petrópolis durante 3 dias, tendo tido o ensejo de assistir a várias proveitosas demonstrações sobre o emprego de máquinas e sobre pequenas indústrias rurais. Impressionou-me de modo especial o espontâneo e real interesse demonstrados pelos lavradores da região

indicando que a escola vem tendo uma atuação muito benéfica sobre toda a região.

— A uma pergunta que dirigimos a S. S., sobre qual a posição da Escola Agrotécnica do Espírito Santo, no conjunto do aparelhamento escolar rural do Brasil, esclareceu-nos S.S.:

— “A Escola vem de algum tempo funcionando com o proveito e a regularidade que seria de desejar-se a mais tempo, e isto, graças a um regime de “acôrdo” entre o Govêrno Federal e Estadual, pelo que os recursos nela aplicados provêm em parte de um e de outro Govêrno e são mobilizados por um “Executor do acôrdo” que aplica os recursos de acôrdo com os orçamentos próprios da escola, mas, com certa autonomia administrativa que afasta os impecilhos de ordem burocrática. Pode-se considerar a Escola de São João de Petrópolis uma obra em início, pois, lhe faltam algumas edificações, laboratórios e outras instalações, mas, a despeito disto tem tido uma existência útil e, o que ali se vem realizando tem logrado um êxito animador”.

— Antes de regressar para o Rio, visitou ainda o sr. Lima Câmara a Escola Normal Rural “Maria Matos” de Anchieta, estabelecimento sob fiscalização do M.A. e por êste subvencionado.

### FALA O DR. NAPOLEÃO FONTENELLE

Discorrendo com habitual entusiasmo que lhe despertam os assuntos de sua pasta, o Dr. Napoleão Fontenele declarou-nos:

— “Foi, a meu vêr, completo o êxito da Segunda Semana. Lavradores de vários Municípios do Estado, notadamente os da região da escola e dos municípios de Iconha e Itapemirim, que acompanhados dos residentes agrícolas constituíram as representações mais numerosas. Dois acontecimentos, marcaram, para mim, a Segunda Semana Ruralista. O primeiro foi a ativa participação do elemento feminino nos trabalhos domésticos de pequenas industrialização rural. O segundo foi a notável lição proporcionada em uma verdadeira aula, por um rude homem do campo: o lavrador Antonio Hegner, de S. Leopoldina, sagrou-se como um dos mais progressistas lavradores do Espírito Santo. Das 43.000 propriedades inscritas no Espírito Santo, 3 apenas tem o trabalho mecânico organizado. Uma dessas três é a propriedade do colono Hegner, cuja palestra além de rica em ensinamentos práticos sobre mecanização constituiu um hino ao progresso de agricultura. Outros pontos altos da Segunda Semana Ruralista foram os trabalhos apresentados pelo Dr. Roberto Viana, sobre saneamento e recuperação das terras o que agradou sobremodo. Não posso deixar de ressaltar o mérito exepcional do concurso e da colaboração do

(Continua na 9a. pag.)

# PSICOLOGIA DA CRIANÇA

Dr. Ibrahim Ferreira Badauy

*Aos professores da E. A. E. S.*

Tenho escrito até o presente momento nas colunas do "O CULTIVADOR", pequenos trabalhos de divulgação e de interesse para os leitores que fazem a vida no meio rural. Hoje no entretanto peço perdão para desviar a conduta e o compromisso assumido e dedicar estas linhas para um grupo limitado de pessoas. Ser professor é coisa simples, é ter conhecimento de determinada cadeira ou matéria, estar legalmente registrado e então lecionar, diriam muitos.

A vocês professores da Escola Agrotécnica, eu dedico esta síntese, chamando atenção que não basta ter conhecimento especializado e estar registrado para assumir diante de um auditório infantil um título de mestre. Além dum programa previamente estabelecido, existe um outro que tem que ser de comum a todos os professores, não para ser ensinado mas para aplicá-lo diretamente sem o conhecimento dos alunos, e ao mesmo tempo para que seu trabalho seja produtivo tanto em relação aos alunos, como também os conseqüentes reflexos de ordem social.

A psicologia em suas diversas formas de aplicação, e eis aí a arma secreta.

Bastará conhecer os diversos problemas da pedagogia, estudar os melhores métodos e aplicá-lo?

Sim, poderíamos afirmar, mas se deixarmos a pedagogia de superfície e mergulharmos nas profundezas da alma daqueles pequeninos que nos assistem, em aula poderemos constatar quanto é complexo o problema, e aí encontraremos os senões das aplicações dos métodos superficiais e simplista.

O espírito da criança vibra com todos os choques genotípicos, fenotípicos e paratípicos e aí a soma das diversas etiologias se acumulam e só os educadores competentes e experimentados poderão dar solução aos diversos problemas quotidianos. Infeliz da geração que nos primeiros anos de vida não foi conduzida com a devida habilidade e prudência.

Si procedermos ao exame psicológico nas crianças que freqüentam as escolas encontraremos uma avalanche de crianças cujas reações psicológicas fogem da linha de conduta normal, não só aplicando testes das funções de memória, associação de idéias, curso de pensamento, linguagem, inteligência, afetividade, comoção, etc. mas também interpretação das falhas apresentadas, poderemos assumir novas atitudes pedagógicas e evitar de punir um inocente e expulsar do meio estudantil um irresponsável.

É um êrro colocar à margem um futuro cidadão que iria formar uma célula na sociedade. Será que um aluno quieto, um criador de disparates, um travesso, um tímido um medroso, um ansioso ou mesmo nervoso não requer o mesmo interesse psico-pedagógico, ou uma interpretação psico-analítica.

Parece-me que sim; todos êles têm o espírito em vibração, apenas diferenciando-se na forma externa, e, dentro dos conhecimentos científicos modernos não podemos, não devemos e é um êrro, ficarmos na apre-

sentação externa da forma, devemos verificar o estado mental do nosso aluno, para podermos sentir e agir a fim de construir uma obra produtiva num sentido positivo e não agravarmos a conduta de uma criança cujas conseqüências futuras são imprevisíveis.

Exemplificando: Um aluno que tem medo do professor será um tímido, será um neófito no meio escolar, será portador de um fenômeno de transferência da imagem paterna, será um oligofrênico ou uma personalidade histero-confabulatória de Léo Kauner?

O travesso, será um aluno desviado em seu psicodinamismo, um débil mental, uma personalidade boêmia ou aventureira?

A criança pouco aplicada será uma hipersensível, teimosa, distraída, desmemoriada, ou portadora de conflitos em que sua atenção não poderá ser fixada devido a fatores afetivos?

Eis aí, Snrs. Professores, três ordens de problemas em que o primeiro seria catalogado simplesmente como bobo pois ter medo do professor, porque razão? E dirão: "isto é questão de hábito" e o tempo passa e o hábito não chega.

Segundo, o travesso, pobre vítima de castigo, repreensão e talvez expulsão.

O terceiro, terá fatalmente notas baixas perjurado de vagabundo, vadio, e o pobrezinho de quantos recreios ficará privado.

Além destas alterações de conduta da personalidade, existe mesmo dentro do tipo puro normal as pequenas oscilações que estão perfeitamente enquadadas na questão de constituição, carácter e temperamento bem estudado por Kretchmer. A simples observação não basta e há necessidade de recorrermos aos "companheiros artificiais", "câmara de observação de Gesell". Até a poucos anos era crença geral que a criança fôsse apenas um pequeno homem, que se diferenciava do adulto em questão de quantidade. Hoje a concepção aceita e firmada, é que a criança representa um ser especial em formação, diferente do homem em seu período evolutivo final. A infância vive problemas sui-generis, transformáveis durante a evolução da personalidade, sofrendo reação e concepção especiais.

A conclusão da alma infantil tem que ser feita num sentido polidimensional, isto é, herança; hereditariedade, traumatismo do nascimento, ambiente familiar, fatores endógenos séquelas de enfermidades orgânicas etc.

Não cabe as escolas comuns, a responsabilidade dos tipos considerados anormais. Ao estado, cabe a responsabilidade das escolas especializadas para os inadaptados e anormais, porque se assim não proceder, os tributos a serem pagos no futuro será muito maior, não só através de organização policial, judiciária, casas correccionais e detenção.

O problema dos anormais, inadaptados, infância abandonada é problema da sociedade moderna e do estado organizado.

# PREVENÇÃO DAS DOENÇAS

Isidro Zárate

Constantemente estamos sendo informados da presença, em diversas regiões, de diferentes doenças que atacam as diferentes espécies de animais. Muitos rebanhos foram grandemente prejudicados pelas numerosas vítimas causadas no seio dos mesmos, principalmente pela raiva, carbúnculo hemático e sintomático bem como pela aftosa.

O fato acima, nos mostra que os criadores não empregam as medidas consoantes com os modernos conhecimentos da ciência veterinária, tornando, assim, nulos os esforços e frutos de custosos estudos dos cientistas para pôr ao serviço do criador um meio mais eficaz de garantir a saúde dos seus animais e preservar a sua economia.

A propagação progressiva é o que se observa, tornando-se o problema, cada vez mais sério. É preciso notar que as moléstias dos animais não representam apenas um prejuízo para o criador e para o Estado, mas também constituem grande perigo para a saúde e a vida dos que se acham na lida com o gado, especialmente quando se trata de doenças transmissíveis ao homem, como o carbúnculo hemático, a raiva e outras.

A única maneira de assegurar a saúde dos animais é a vacinação sistemática, quando menos cada dez meses. Vacinar e vacinar a tempo. Não esperar que apareça o primeiro caso na criação para procurar a vacina.

Devemos partir do princípio que, o tratamento, é sempre mais custoso, muitas vezes ineficiente e nem sempre possível. Uma vez porque não se dispõe dos medicamentos na hora precisa, outras vezes porque o criador só procura o técnico quando o animal já se encontra a morrer e, finalmente, certas doenças não contam ainda com tratamentos eficientes. Podemos acrescentar também que existem os casos de infecção super-aguda, em que a evolução é tão rápida que nem permite a verificação dos sintomas senão sobre o cadáver, como o carbúnculo hemático. Em casos como êsses, mesmo existindo o tratamento não seria possível a sua aplicação.



Um animal morto pelo Carbúnculo

Há doenças, como a aftosa, que não é tão prejudicial pela mortandade que produzem, salvo em ani-

mais novos, como pelas suas desastrosas conseqüências. A diminuição da produção de leite, e mesmo a perda da capacidade produtiva pela fraqueza em que fica o organismo, após a doença; o emagrecimento dos animais e conseqüente queda de pêso e preço nos matadouros, a impossibilitação dos animais para o trabalho e para serem abatidos, os abortos, as mortes de bezerros, os gabarros, o trabalho e despesas que ocasionam o tratamento e cuidados das reses afetadas, são os saldos da febre aftosa.

Há pois uma imperiosa necessidade de que todos os criadores vacinem os seus animais, como o meio mais eficiente de salvar, com o menor custo, a integridade dos seus rebanhos, porque muitas vezes, o preço de um único animal morto pela doença, é suficiente para o custeio do produto para o rebanho todo.

A vacinação é também o único e mais efetivo meio de evitar a propagação da doença, pois é costume dos criadores abandonar os animais mortos nos pastos, à disposição dos cachorros e urubus, quando não o jogam nos rios e córregos, espalhando, assim, a doença em lugares, às vezes, virgens. Outros enterram, mas muito superficialmente, em nada adiantando o trabalho.

Quando morre um animal, principalmente de uma doença contagiosa, é dever de todo criador inteligente queimá-lo ou, então, enterrá-lo profundamente.

Muitos já são os fazendeiros que vacinam os seus animais, mas o ideal seria que fôsem todos.

---



---

## Explicação

Em virtude da Semana do Lavrador e do Período de Férias, "O Cultivador" à semelhança do número especial, acumulou, para voltar à publicidade na data de hoje.

Sairão dois números juntos, embora trazendo aquela sua característica principal: a simplicidade.

Mas, agora voltaremos com a nossa normalidade, a fim de prosseguirmos na árdua missão que estamos empenhados.

Nada nos deterá. O ideal que nos anima é forte e sem futilidade. Colocamos acima de tudo o nosso compromisso: o de manter bem alto o nome da Escola e a fé pelo destino da Agricultura.

# Aconteceu neste mês

Repórter X

A Escola organizou e inaugurou a 7.ª Exposição de Milho, com grande êxito.

O certamen foi julgado pelo Dr. Napoleão Fontenelle da Silveira, Secretário da Agricultura, Dr. José Comastri, Agrônomo do Fomento Federal e o Técnico Agrícola, Francisco Schwartz, Prefeito do Município de Santa Leopoldina.

Foram distribuídos cerca de Cr\$ 5 000,00 (cinco mil cruzeiros) aos expositores de milho e outros produtos, em máquinas e material agrícola.

O Fomento Agrícola Federal, sob a chefia de seu DD. Chefe Dr. Benvindo de Novais, esteve presente à 2.ª Semana do Lavrador e 2.ª Semana Ruralista Feminina, prestando relevantes trabalhos. O esforço e dedicação do Dr. Benvindo e seus dignos auxiliares é merecedor dos mais eloquentes elogios.

Estiveram presentes à 2.ª Semana do Lavrador e 2.ª Semana Ruralista Feminina, 171 agricultores e 115 senhoras.

O Exmo. Sr. Governador Dr. Carlos Lindenberg, e o Sr. Secretário da Agricultura, Dr. Napoleão Fontenelle da Silveira passaram dois dias nesta escola, vivendo entre os homens simples do campo.

O Sr. Antônio Hegner, adeantado lavrador, fez uma palestra a respeito do seu triunfo na agricultura. Disse êle entre outras coisas que a sua vitória foi conquistada pelo uso de máquinas agrícolas.

Dando uma demonstração clara do interesse público pelas coisas da agricultura, esteve entre nós, honrando-nos com a sua presença, o Exmo. Sr. Dr. Arquimedes Lima Câmara, DD. Superintendente do Ensino Agrícola e Veterinário.

Entre outras autoridades e professores presentes aos nossos trabalhos da Semana do Lavrador, podemos anotar os seguintes: Dr. Benvindo de Novais, Dr. Rubens Landeiro, Dr. José Comastre, Dr. Walter Henriques Furtado, Sr. Francisco Schwartz, Sr. Ramiro Monteiro de Souza, Sr. Antônio Rabelo, Dr. Roberto Viana Rodrigues, Dr. José Augusto de Lima, Dr. Carlos Braz Cola, Dr. José Olímpio de Melo, Dr. José O. Gomes, Sr. Paulo Costa Rodrigues, Sr. Manoel Gomes Serpa, Sr. Miguel Luis Pizzolo, enfermeira Lisete Campo Dall Orto, Sr. Alcides Costa, Frederico Pretti, Sr. Henrique Coutinho, Sr. Leonídio Carvalheiro, Sr. José Bastos, Dr. Josias R. Moura, Dr. Djalma Eloy Hess.

Em homenagem ao Exmo. Sr. Governador do Estado, ao Superintendente do Ensino Agrícola e Veterinária, Secretário da Agricultura e comitiva, foi

levada em cena a peça teatral "DIVINO PERFUME" do conhecido escritor Renato Viana.

Foram levados dois significantes "esquetes" sobre a agricultura, pelos seus respectivos autores Máximo Jacob e Maria Herzog Serapião, "Ó Agricultor" e o "Mutirão".

Ambos agradaram muito, motivo pelo qual estão de parabens os seus dignos compositores e intérpretes.

O Sr. Antônio Rabelo, funcionário do Ministério da Agricultura, exibiu vários filmes Agro-Pecuários.

No intervalo da peça "Divino Perfume", foram tocados vários números musicais pela senhorita Teresinha Pretti.

O Diretor da Escola, Dr. Lúcio Ramos, foi incansável para que a Semana do Lavrador tivesse o êxito alcançado.

O Dr. Paulo Américo de Argolo Silvado, fez sentir a sua alta capacidade através dos trabalhos que realizou durante a semana.

A Escola acaba de receber um ótimo aparelho cinematográfico, por doação do Superintendente do Ensino Agrícola Dr. Arquimedes Lima Câmara. Acompanhou o mesmo uma coleção de filmes com a finalidade de instruir alunos e agricultores.

Após o período de férias regulamentares, reiniciaram-se as aulas e todos trabalhos práticos do Ensino Educandário.

Em reunião geral, falou o Dr. Lúcio F. Ramos (DIRETOR) palavras de estímulo e carinho, dirigindo-se ao corpo discente e docente.

---

## ELIMINAÇÃO DOS CHIFRES

O melhor processo para eliminar as hastas do gado bovino é por meio do uso da potassa cáustica nos vitelos novos. Esta deve ser aplicada logo que se possa observar a pequena protuberância ou "botão" que marca o aparecimento da futura haste que costuma ser na primeira semana depois do nascimento.

Corta-se cuidadosamente o pêlo em volta dessa protuberância e faz-se um círculo com vaselina entre ela e o olho do animal para evitar que a potassa cáustica corra até esse órgão. A seguir humidece um pau com a potassa cáustica e esfrega-se com êle o lugar onde começa a aparecer a haste até que a pele apresente uma côr rosada.

Fazendo esta operação como deve ser feita, forma-se uma crosta que mais tarde cai cicatrizando a ferida. Devem-se ter o máximo cuidado com as mãos.

# SONHIO?

José Farah

Noite clara...

Por entre as nuvens negras, rolava suavemente a lua... E a terra imensa, sob a sua luz côr de prata, estendia-se a seus pés, iluminada.

Tudo estava imóvel. Desde que o véu da noite caíra sôbre a amplidão do vale, um silêncio se apoderara de tudo. Era a hora amarga das meditações em que a imaginação cria castelos de ilusão e que o sôpro da realidade os desmorona como sonhos de vento.

O Santa Maria correndo ligeiramente, refletindo a imagem da lua altiva que a contemplava de cima, quebrava, por vêzes, a imobilidade da natureza. E as gotas de orvalho, resvalando das folhas, pareciam os últimos acordes de uma música ao longe...

Uma brisa perfumosa soprava levemente...

O firmamento, manchado aqui e ali de pontos brilhantes que cintilavam ou colunas espessas de núvens envolviam em seu manto tôda a terra.

Nêsse retiro longínquo da vida agitada, o silêncio era realmente profundo.

Solitário fiquei, esquecido de mim, a olhar o céu repleto de estrêlas, as linhas sinuosas das montanhas e o faiscar dos vagalumes que cortavam o espaço.

O tempo corria. A lua atingira o meio do céu.

Sob o arvoredo, o fundo, escuro, dava a idéia de uma perfeita cabeleira enorme, sem fim.

— A Cabeleira dessa mulher misteriosa que é a noite.

As estrêlas aos milhares, pareciam migalhas, de diamantes que Deus houvesse espalhado para enfeitá-la. Que cabeleira linda. E rica!...

Comecei a levar longe o meu pensamento, olhando o firmamento tão bonito!...

Mais o meu olhar se fixava no espaço estrelado, mais eu queria olhar.

Quanto durou êste namôro? Não sei.

Talvez eu começasse a entrar nêste país que existe para se esquecer da vida.

Sabem como se chama êste país silencioso?

Chama-se Sonho...

Quem sonha... como é bom sonhar! — foge dos aborrecimentos, das tristezas, dos sustos, das misérias.

E sonhando vive-se.

É possível que eu sonhasse. Sentia as estrêlas cada vez mais perto. Quase as alcançava com as mãos.

Tive desejos de colhê-las como se fossem rosas. Rosas de Ouro...

Elas, porém, estavam brincando comigo.

Quando estendia as mãos para apanhá-las, fugiam, subindo para o céu por uma escada invisível.

Eu me divertia com as suas diabruras.

Às vêzes, como bando de andorinhas assustadas, de asas brilhantes, varrendo o céu com ondas de luz; outras vêzes, como se fôssem contas de um colar partido, caíam, uma a uma, fazendo um ruído que era en-

cantadôra música. Outras vêzes, como chuvas de lágrimas gotejavam e se misturavam numa cascata de prata.

Que maravilha!...

Depois... Cousa esquisita: já não eram estrêlas, foram assumindo outras formas, envoltas numa claridade que mais lhe aumentavam o brilho. Aos poucos se transformavam em multidões de lindas crianças.

Eram tantas e tão bonitas que apagavam a recordação da beleza das estrêlas.

O rancho da criança desceu à terra. E a terra se tornou um imenso jardim.

Uma alegria de passarinhos palpitava nelas. As crianças brincavam, corriam e cantavam, confundidas com as flôres!

De repente, uma dessas meninas se desgarrou do bando. E cada vez mais se foi distanciando até perder-se entre os canteiros.

Era simples e loira. Seus cabelos tinham brilho de sol, seus olhos brilhos de estrêlas.

Como era bela!...

Trazia em sua fisionomia todo um firmamento de Esperança, no seu sorriso uma aurora de conhecimentos.

A passos incertos, ela veio se aproximando, do ponto onde eu estava, observando cheio de curiosidade. Ao ver-me estremeceu...

Reconheci-a! Era a nossa querida Escola. A Escola onde irradiava a luz que há de iluminar tôda agricultura espiritosantense. Escola que já traz na fronte a cruz da vitória e no semblante o amor pelas gerações moças que querem se instruir para a grandeza de sua terra.

E as outras meninas quem seriam?

Talvez as almas personificadas que aqui vieram em busca de uma Canaan de Sonhos e de Felicidade!...

## Segunda Semana do Lavrador...

(Continuação da 5a página)

Dr. Benvindo Novais, do Fomento da Produção Vegetal, que além de sua permanente colaboração com as atividades da escola, durante a Segunda Semana produziu magnífico trabalho sôbre o "Homem Rural" em conferência realizada na Escola, e deu uma proveitosa aula sôbre cafeicultura, assunto que S. S. domina com rara proficiência. Desejo ainda consignar a louvável atividade do dr. Lúcio Ramos, Diretor da E. A. E. S. e de seus auxiliares ags. José Farah e Izidro Zárate."

### O ENCERRAMENTO HOJE

Encerra-se hoje a Segunda Semana do Lavrador, com as últimas aulas programadas.

(Transcrito de "A GAZETA" de 10-7-48).

# RAIVA

(*Hidrofobia, danação ou loucura*)

A raiva é uma doença infecciosa, contagiosa, mortal, de curso geralmente agudo, comum ao homem e a diversas espécies animais, causada por um vírus e que se caracteriza essencialmente por perturbações do sistema nervoso central.

Ela é mais freqüente nos cães, bovinos, equinos, muars, ovinos, caprinos, suínos, e gatos.

Transmite-se pela mordedura de um animal raivoso em outro.

Pode transmitir-se pelo contácto da baba, em ferimentos, cortes, picadas.

Transmite-se também aos bovinos, equinos, muars e outros animais, pela mordedura de certos morcegos hematófagos.

Estes, são os principais causadores da raiva nos animais.

**SINTOMAS:** — Pode ter duas formas: A Furiosa e a Muda ou Paralítica.

No cão, a raiva furiosa manifesta-se por mudança sensível nos hábitos.

Mostra-se excitado, nervoso ou extremamente carinhoso para o dono.

A princípio, ainda procura os alimentos habituais, depois prefere comer objetos estranhos, como pedaços de madeira, fezes, terra, pedra... Tem vômitos secos, parecendo como engasgos. A sede é intensa, mas devido à paralisia dos músculos da faringe, não pode deglutir. Depois procura morder outros animais, o homem ou a si próprio, com extrema agressividade. Olhar vítreo, ansioso; latidos roucos e ululantes. Algumas vezes, a raiva é muda e menos agressiva.

Nos bovinos e equinos, a raiva muda ou paralítica é mais freqüente.

Começa por tristeza, falta de apetite, dificuldade de apreensão e mastigação dos alimentos, perturbação da motricidade, andar incerto, olhar ansioso, salivação abundante e finalmente, paralisia dos membros posteriores. A morte sobrevem num período de **4 a 6 dias**.

**Prognóstico:** A raiva não tem cura, depois de aparecerem os primeiros sintomas.

**PROFILAXIA:** Todos os animais sujeitos, devem ser vacinados anualmente.

Nunca deve ser dada dose menor do que a indicada pelo laboratório.

Outras medidas devem ser tomadas. Enterrar ou queimar os cadáveres de animais raivosos. Evitar o contácto de baba, sangue etc. com ferimentos.

Dar caça constante aos morcegos, que vivem geralmente em ócos de páus, furnas de pedreiras, recantos de matas com folhagem densa. Sua morada, é denunciada por fezes escuras, pastosas e fétidas.

Nunca se deve esperar que apareça a raiva em algum dos seus animais ou na vizinhança, para depois, empregar a vacina, pois, os animais vacinados, só ficam imunizados, ou sem perigo, com um mínimo de dez dias e um máximo que vai até 90 dias.

# A GRAVIDADE E O PERIGO DAS QUEIMADAS

Uma palavra amiga:

O Serviço Florestal no Estado do Espírito Santo, cuja finalidade é, em resumo, o aumento e a defesa do nosso patrimônio florestal, vem chamar a atenção de todos os srs. fazendeiros, criadores, agricultores, etc., para a necessidade imperiosa de, não só atendendo presente, como também, visando o futuro, olharmos, com mais compreensão e patriotismo para essa magna questão que é a defesa e a exploração racional dos nossos campos, das nossas matas, reduzindo-se ao mínimo possível e isso com as indispensáveis cautelas, o emprêgo do fogo no preparo e limpeza dos terrenos.

Os prejuízos causados pelo fogo nos meios rurais têm sido e continuam sendo grandes não só para o colono, como para todos nós que, sem exceção, dependemos dos produtos da terra, quais sejam, gêneros alimentícios, madeiras, lenha e matérias primas em geral. Os produtos da mata — especialmente a lenha e a madeira — cada dia se valorizam mais, não só pela sua maior procura e aplicação, como ainda pela sua crescente escassez.

Necessitamos limitar a ação do fogo, aproveitando-se inteligentemente as nossas riquezas vegetais e evitando-se a destruição das nossas matas, dos nossos prados. Quando se tiver imperiosa necessidade de deitar fogo a alguma área de mato que se tenha cortado, deve-se antecipadamente fazer largos aceiros, completamente limpos de galhos ou vegetação de modo que não se tenha o vexame de ver-se o fogo passar para a mata que, devoluta ou não, deve ser poupada, necessita ser preservada, sendo um crime a sua destruição pelo fogo ocasionado pela imprevidência ou descuido de quem quer que seja.

Cumprindo, nas derrubadas e nas queimadas, observar, em benefício de todos, o que determina o art. 23 do nosso Código Florestal que exige dos proprietários de terras cobertas de matas a conservação da quarta parte da mesma mata. Aconselha-se a preservação dos altos, dos cocorutos dos morros, cujas matas devem ser poupadas para conservação da fertilidade da área explorada com a lavoura e, também, para atender as próprias necessidades do colono e, em certos casos, para uma possível reconstituição da mata no terreno desflorestado.

O Código Florestal impõe multas e penalidades aos que infringem as suas determinações, determinações essas, que em benefício de todos nós, precisam e devem ser observadas.

Vitória, julho de 1948.

*Josias R. de Moura.*

Se o animal for contaminado nesse intervalo, a vacina não produzirá efeito nenhum.

É por isto que muitos animais já vacinados, ainda morrem de raiva.

A melhor medida de defesa é vacinar anualmente ou de 10 em 10 meses, todos os animais sujeitos à doença.

## COMBATE AOS RATOS

Dentre as pragas caseiras a mais prejudicial quer do ponto de vista econômico quer do higiênico, é o rato.

Haja visto ser êle transmissor de doenças ao homem, tais como a peste bubônica, triquinose, soduku, espiroquetose, icterohemorrágica, raiva e outras.

Além de sua nocividade por êste lado, acresce o fato de darem prejuízos fabulosos, como apurou o Serviço de Caça e Pesca dos Estados Unidos serem de 400 000,00 cruzeiros o prejuízo causado por êsses roedores.

**COMBATE:** Existem vários métodos de combate sendo mais eficientes os seguintes:

- 1 — Edifícios à prova de ratos
- 2 — Evitar que os ratos obtenham alimentos
- 3 — Uso de venenos ou gases
- 4 — Uso de ratoeiras
- 5 — Inimigos naturais
- 6 — Outros métodos.

A aplicação conjunta dêstes métodos será mais eficiente ao extermínio dêsses roedores.

### EDIFÍCIOS À PROVA DE RATOS — A

construção de edifícios à prova de ratos é sem dúvida o primeiro passo para o sucesso final. Êsses edifícios deverão ser sólidos isto é, suas paredes grossas, o assoalho deverá ser de concreto ou cimento. No caso de um paiol deverá êste ser protegido nos barotes com latas ou latões invertidos que tenham no mínimo 15 cm de aba. As escadas deverão ser elevadissas.

### EVITAR QUE OS RATOS OBTENHAM

**ALIMENTOS** — Devemos afastar dêles todo alimento possível, inclusive resíduos, subprodutos, lixos, etc.

**USO DE GASES E VENENOS** — Usar gases venenosos nas galerias subterrâneas. O gás mais aconselhado é o bissulfureto de carbono.

Venenos — Carbonato de bário . . . . . 1 parte.

Peixe ou carne moídos . . . . . 5 partes.

Colocar a isca sem veneno 2 ou 3 noites. Na quarta noite aplicar o veneno, removendo-o 12 horas depois.

As iscas com o veneno poderão ser em forma de bolas feitas com o conteúdo de uma colher de chá.

**USO DE RATOEIRAS** — Êsse método de combate é dos melhores, se fôr usado com persistência e conhecimento dos hábitos dos ratos.

**INIMIGOS NATURAIS** — O gato é o único inimigo natural usado em nosso país. É também muito eficiente no combate aos ratos quando não é bem tratado.

**ESTÍMULO PÚBLICO** — Também constitue fator de importância de combate aos ratos, o estímulo por parte dos poderes administrativos sobretudo da Saúde Pública. Isso poderá ser feito divulgando-se os métodos mais eficientes de combate, mostrando ao povo a capacidade destruidora dos ratos e sua ação como transmissores de doenças malélicas ao homem.

## CÓLERA AVIÁRIA

A cólera aviária, é doença infecciosa, ocasionada pela "Pasteurella Avicida".

Mata rapidamente galinhas, pombos e outras aves.

Aparece, geralmente, no verão e é de forma aguda. Esta Zoonose no Brasil nem sempre aparece bruscamente.

Começa atacando isoladamente os animais do aviário, principalmente os patos e marrecos.

**SINTOMAS:** — Tristeza, febre alta, penas arrepiadas, crista e barbelas roxas, diarreia amarela e verde, ou sanguinolenta, morte em poucas horas. Morrem muitas aves.

**TRATAMENTO:** — Não existe tratamento eficaz.

**PROFILAXIA:** — Eliminação das aves doentes, queimando ou enterrando fundo as mortas, depois de embebidas em solução forte de creolina.

Mudança das aves sadias para outros galinheiros limpos.

Desinfecção completa dos galinheiros.

O melhor meio é o preventivo. Quando se tem notícia dessa doença nas aves da vizinhança, faz-se a vacinação de tôdas as aves adultas e novas, com a "Vacina Contra a Cólera Aviária" seguindo as instruções da bula.

## A FERTILIDADE DO SOLO

"Conserva-se a fertilidade do solo plano não se deixando que êle se empobreça em matéria orgânica e sais minerais, o que se consegue com uma rotação de culturas bem planejada, com estercamento ou com adubação verde.

Quando se faz adubação química, é necessário escolher os adubos, de modo que não venham êles tornar o solo muito ácido ou muito alcalino. É necessário, portanto, que seja conhecida a reação do solo, antes da aplicação do adubo químico.

Como algumas culturas preferem solos ácidos, outras solos alcalinos e algumas os neutros, os adubos químicos são escolhidos, levando-se em consideração a cultura a ser beneficiada.

Para os solos inclinados, além dessas considerações, é necessário o contrôle das enxurradas, para a manutenção de sua fertilidade; o que é do interesse não só do fazendeiro como do país.

Deve o proprietário refletir bem sobre o seu dever patriótico:

Conservar férteis as suas terras, para que as gerações vindouras encontrem a principal base da prosperidade".

# Adubação Química - Fórmulas Aconselháveis

Todos sabem que a adubação constitui um dos principais objetivos da prática racional da Agricultura. Infelizmente, apesar disso, poucos são os que procuram manter a conservação da fertilidade do solo, fazendo retornar ao mesmo, aquilo que a planta tirou para sua evolução e conseqüentemente para sua produção.

As terras são exploradas continuamente e muito raramente o lavrador pensa em melhorá-las, empregando os meios conhecidos, tão somente pelo espírito de não querer gastar dinheiro na compra desse ou daquele adubo. Por isso, devemos sempre e sempre, fazer sentir a necessidade dessa prática porque com a sua aplicação os efeitos são verdadeiramente compensadores, tanto no que diz respeito ao aumento surpreendente da produção como também na melhoria das qualidades dos frutos das respectivas colheitas.

Procurando dar uma orientação, transcreveremos abaixo, algumas fórmulas de adubação química, aconselhadas pelo professor Alexis Dorofeff, da Escola Superior de Agricultura de Viçosa.

## ALGODÃO — Por hectare:

- 1) 250 quilos de farinha de sangue
- 2) 300 quilos de superfosfato
- 3) 100 quilos de cloreto ou sulfato de potássio

## ARROZ — Por hectare:

- 1) 240 quilos de farinha de sangue
- 2) 200 quilos de serrana fosfato
- 3) 50 quilos de cloreto ou sulfato de potássio

## BATATINHA — Por hectare:

- 1) 200 quilos de salitre do Chile
- 2) 200 quilos de superfosfato
- 3) 600 quilos de cinza de fogão

## CAFFEEIRO — Por pé — Por ocasião do plantio, serão introduzidos em cada cova:

- 1) 100 grs. de farinha de sangue e mais 200 grs. de torta de mamona.
- 2) 40 grs. de serrana fosfato e mais 40 grs. de farinha de ossos.
- 3) 300 grs. de cinza de fogão

## Para cafetal em produção por ano:

- 1) 160 grs. de salitre
- 2) 100 grs. de farinha de ossos
- 3) 350 grs. de cinza de fogão

## VIDEIRA — Por pé — Por ocasião do plantio serão introduzidos em cada cova:

- 1) 100 grs. de farinha de sangue
- 2) 150 grs. de serrana de fosfato
- 3) 90 grs. de cloreto de potássio

## Para videira em produção por ano:

## Tertúlias Pedagógicas

A Escola, vem promovendo através iniciativa do seu Diretor, Dr. Lúcio Ramos, um trabalho intensivo no sentido de orientar o seu corpo docente no magno problema da Ciência Pedagógica.

Reuniões semanais têm sido levadas a efeito. Nelas concentram-se os Professores e com a Presidência do Sr. Diretor, são discutidos os assuntos que, numa seqüência singular e eficiente, preenchem a finalidade a que se propuzeram.

Muita cousa já foi tratada, mas sabemos que a missão é árdua e difícil.

Duas palestras feitas pelo Dr. Ibrahim Ferreira Badawy, DD. Médico da Escola, sobre a Psicologia aplicada à Educação vieram colaborar com a nossa grande vontade de melhorar cada dia a maneira de melhor ensinar, melhor orientar os alunos dentro das condições próprias que se nos apresentem.

As obras de pessoas abalizadas nos assuntos pedagógicos têm sido consultadas e discutidas. São fórmulas claras e evidentes de que a dedicação e a maneira de tirar conclusões, levam muitas vezes, a um conhecimento mais ou menos regular do assunto, dados aos fatos decorrentes e vívidos pelos observadores da comunidade em que vivem.

Assim é que, com a falta de um Professor Catequético e Especializado entre nós, um maior esforço se tem feito para nunca paralizar. Progredir sempre que for possível.

E é com este lema que o Dr. Lúcio Ramos tem se portado. Com uma visão e uma experiência, dignas dos mais elogiosos aplausos, êle sintetiza admiravelmente o tipo social do educador da juventude, como o indivíduo posto a serviço espiritual da coletividade. Faz esquecer a complexidade da teoria para dar lugar a clarividência de seu instinto fundamental e do seu "tato pedagógico", através um critério conseguido pela labuta de muitos e muitos anos.

Por isso, as "Tertúlias Pedagógicas", títulos das nossas reuniões, constituem uma "atividade voluntária".

Tôdas as Terças-Feiras, à noite, depois de um dia cheio de trabalho, estamos lá, nós os que queremos elevar e desenvolver carinhosamente o nosso pensamento a aplicá-lo em seguida nos setores onde se desenrolam as nossas atividades.

- 1) 80 grs. de salitre do Chile
- 2) 120 grs. de escória de Thomas
- 3) 300 grs. de cinza de fogão

## TOMATEIROS — Por hectare

- 1) 300 kg de salitre do Chile (em cobertura)
- 2) 300 kg de serrana fosfato
- 3) 180 kg de sulfato de potássio

Além disso, pomonos à disposição dos senhores lavradores para responder qualquer consulta, lembrando que para qualquer outra cultura, poderemos também sugerir uma fórmula de adubação química.